Carta a um monarchico

COMMENTARIOS POR

Alfredo Pimenta

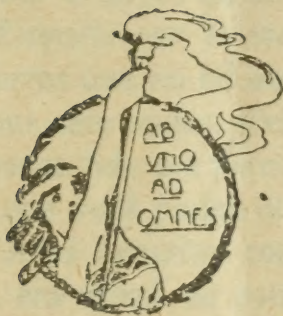
COIMBRA

FRANÇA & ARMENIO — Editores

1915

Carta a um monarchico

COMMENTARIOS POR

Alfredo Pimenta (n)

COIMBRA

FRANÇA & ARMENIO — Editores

1915

Carta a um monarchico

15, Outubro.

Meo caro amigo: — Eu estava, n'aquella tarde, lendo, muito recostado na minha cadeira abacial de alto espaldar de coiro, aquelle interessante livro de Balthazar Castiglione que na edição castelhana de Boscan se chama *Los Cuatro libros del Cortesano,* quando você entrou no meu quarto de trabalho que Santa Fortunata, a dos olhos doces, proteje, e uma Sarah Bernhardt, a dos olhos tristes, ilumina e encanta. Não quiz você, meo caro amigo, que eu deixasse de acabar de lêr o capitulo que começava, e sentou-se, tranquilamente, a um canto da sala, n'uma cadeira de rotin, folheando um livro que tirara da estante.

Quando, marcado com uma larga fita de seda, o livro de Castiglione, lhe perguntei ao que viera, você, entre surpreso e risonho, indicava-me uma passagem da obra em que pegara, e que eu, a traços fortes de lapis, acentuara.

A obra era o *Enquête sur la monarchie* de Charles Maurras, d'esse Maurras que eu fui dos primeiros a lêr em Portugal, ha uns bons sete annos, d'esse Maurras que tão fallado é, mas tão pouco lido me parece ser. E a passagem que eu acentúara e que você punha diante dos meos olhos, era aquella em que Jules Lemaître conta que, sendo interrogado sobre o que era afinal na politica — bonapartista? realista? — respondera: — Tu m'en demandes trop long. J'«évolue», comme on dit. Par conséquent, je ne sais pas exactement où j'en suis. *Je sais très bien ce que je ne crois plus, je ne suis pas encore fixé sur ce que je dois croire.* E vincando com a sua unha aguçada essas quatro linhas, você perguntou-me porque as acentuara eu a lapis.

Na sala pegada, o piano desenhava, com caprichos, uma deliciosa infantilidade de Ravel. E convidando-o a

preferir a musica a uma palestra sensaborona sobre politica, prometi dar a resposta, á sua pergunta, n'um dos meos primeiros opusculos. Venho cumprir a promessa.

*

Fomos ambos historicos. Você, porque já era monarchico, antes da Monarchia cahir, eu, porque já era republicano, antes da Republica triumphar. Nunca as nossas discussoens, então, foram azedas, porque ambos temos aquella dose de educação e civilisação que é indispensavel a quem se lava e constitue a razão de ser de quem se perfuma — você com o leve e acariciante perfume da urze, eu com o voluptoso e enervante perfume do nardo. E se nunca tratei de saber as razoens do seu monarchismo, tambem você nunca me interrogou sobre os porquês do meo republicanismo. Mas vou eu dizer-lhe agora, meo caro amigo, porque fui republicano, e porque ás ideas republicanas sacrifiquei tudo — desde o bem estar doméstico á tranquilidade do meo espirito e á floração das minhas faculdades estheticas. Eu fui republicano por principios philosophicos e por determinaçoens dos factos politicos. Eu fui republicano, porque as duas razoens convergiam; se ellas fossem antagonicas, isto é, se os factos contradissessem os principios, ou estes aquelles, eu não teria sido republicano. E eis a razão porque, na hora em que esses dois motivos entraram em conflicto, eu deixei de ser republicano... Theoricamente, philosophicamente, eu aspirava a uma dictadura republicana, isto é, a um regime em que as funçoens parlamentares estavam reduzidas ao mínimo, e em que as funçoens presidenciaes estivessem elevadas ao maximo. Presidente vitalício e responsavel perante um Alto-Tribunal constituido pelos representantes supremos do Espirito, do Sentimento e da Acção da nação portugueza; ministerio dependente só d'esse Presidente; comissoens technicas consultivas fun-

cionando junto dos varios departamentos do Estado; o Parlamento, representando não correntes politicas ou facçoens partidarias, mas sim os interesses economicos da Nação, limitado a discutir o orçamento e materia tributaria; o Exercito servindo de modelo para a vida nacional—eis, meo caro amigo, as linhas gerais da minha theoria republicana, que nas minhas conferencias e nos meos artigos de jornal sempre expuz, tanto quanto m'o permitiam os interesses da causa politica que todos serviamos. A revolução republicana devia ser o dispersar de uma oligarchia e a entrega da nação a si propria. No dia 5 de outubro, feita a Republica, os senhores caudilhos deviam ter-se voltado para as massas republicanas, e desde manhã á noite e desde a noite até de manhã, bradar-lhes uma só palavra — ordem, começando elles por darem o exemplo. E no ministerio da guerra, punham um general de prestigio; e no ministerio da marinha, um almirante de respeito; e no ministerio da justiça, um Juiz do Supremo Tribunal; e no ministerio do Interior, um juiz do S. T. Administrativo; e no ministerio das Finanças, um banqueiro; e no ministerio do Fomento, um alto representante do Comercio ou da Industria; e no ministerio dos estrangeiros, um diplomata consagrado. E quem fez a Revolução diria a esse ministerio: «sobre o Passado, o esquecimento: nem somos espioens, nem somos verdugos. Queremos um futuro prospero para a Nação. Trabalhem os senhores. Sejam, os senhores, os dirigentes do Paiz. Façamos politica nacional, sem politicos profissionais.»

E os senhores caudilhos não parariam emquanto não vissem toda a gente consagrada á sua tarefa profissional —os sapateiros fazendo sapatos, os alfaiates tratando dos fatos, os operarios nas suas oficinas, os medicos nos seos consultorios, os advogados nos seos escriptorios, os professores nas suas escolas, os soldados nos seos quarteis, os funcionarios nas suas repartiçoens, os padres nas suas egrejas, e os vadios—em Africa.

Assim devia ter sido. Mas não foi assim. O que foi, então?

Uma oligarchia que se desfez, apavorada. Outra oligarchia que se creou, esfomeada e inhabil.

Se os meos principios theoricos me levavam á dictadura republicana, o que se passava afastava-me da monarchia. Desde que me conheci, meo caro amigo, o menos que ouvi aos monarchicos chamarem-se uns aos outros, a começar no Rei e a terminar no mais sertanejo regedor, foi ladroens. A acreditar os jornalistas monarchicos, os ministros monarchicos, os financeiros monarchicos; a acreditar todos os depoimentos monarchicos, a gente chega a uma de duas conclusoens: ou ladroens, se é verdade o que dizem; ou calumniadores, se é mentira o que afirmam. Estou n'este momento a olhar para um livro que tenho alli na minha bibliotheca, na secção financeira, escripto pelo snr. Manoel Espregueira, e que se intitula *Administração Financeira*. É um monumento. E perto, exibe-se o relatorio de Oliveira Martins, e a seguir relatorios dos snrs. Matoso dos Santos, Schröeter e Teixeira de Souza. São depoimentos e são monumentos. Afinal, tudo aquillo foi exagero. Nem ladroens, nem calumniadores: politicos profissionais. Ora eu, meo caro amigo, com os meos inexperientes vinte annos, deixava-me levar pelo que ouvia. E se as minhas doutrinas philosophicas me indicavam a Republica, o que via e ouvia empurrava-me incessantemente para ella. Outro dia, fui á Bibliotheca, e passei umas horas a folhear jornais do tempo do antigo regime. Quando o timbre me indicou a hora da sahida, eu só tive uma amarga expressão: — pobre paiz! Jornais monarchicos e jornais republicanos, sem a consciencia das proporçoens, sem a noção das suas responsabilidades e das conveniencias do Paiz, todos elles se fartaram, durante annos e annos seguidos, de desmoralisar a Opinião Publica com excessos de critica negativa, com afirmaçoens levianas, e fomentando em todas as classes

sociais a indisciplina, a falta de respeito, a desordem em suma. Em face d'isso, meo caro amigo, eu não podia ser monarchico. Eu via que o regime não só colaborava, por intermedio dos seos partidos da oposição, na obra de dissolução nacional em que os revolucionarios andavam empenhados, mas tambem a permitia, com uma brandura e uma cegueira inconcebiveis, por intermedio dos seos proprios governos. O que desprestigiou a monarchia foi, principalmente, a sua transigencia. Ha muito tempo que ella abdicara. Quando a dictadura do João Franco quiz salvar a situação, era tarde, era muito tarde, *troppo tardi*. Indo, dia a dia, adquirindo a consciencia de que alguma coisa podia fazer em beneficio de meo paiz, não podendo, perante o espectaculo que os factos me davam, servil-o, apoiando uma monarchia que a todas as horas procurava matar-se, naturalmente enfileirei ao lado dos republicanos que me afirmavam trabalharem para a legitima e fecunda reconstituição nacional. Nem por temperamento, nem por feitio, nem por educação, nem por systema, sou um revolucionario. E jámais o fui. Andava evidentemente ao par das coisas, mas n'ellas não colaborava — se bem que estivesse disposto a assumir a responsabilidade da sua colaboração. Nunca entrei em conjuras, porque dificilmente me sujeito a obedecer aos outros, — não porque me considere super-homem, mas porque tenho os outros na conta de que nem grandes, nem pequenos são. Mas o que me pediram — nunca o recusei, assumindo, sempre e bem claramente, todas as responsabilidades dos meus actos. E n'essas condiçoens, na tribuna e no jornal e no pamphleto, eu defendi a Republica, aconselhei a Republica, propaguei a Republica... E pautei sempre os meos actos pelas minhas palavras — coisa que 90 °|₀ dos meos correligionarios de então não tinham a coragem de fazer.

Foi assim que me fiz republicano...

*

Um dia, começou correndo, insistentemente, a noticia de que a revolução se iniciara em Lisboa, e se mantinha com probabilidade de victoria.

Não lhe conto as horas de amargura e desesperança, de agonia e desasocego, que passei durante esses dois dias agitados e enigmaticos que precederam a noticia definitiva da proclamação da Republica. Só lhe direi que na tarde do dia 6, ao descer os Clerigos, no Porto, como me dessem o Suplemento do *Commercio do Porto* com o telegramma annunciador, eu chorei como uma creança, alli em plena rua, em pleno sol, lagrimas ardentes e sinceras, como poucas vezes os meos olhos teem chorado. Foram talvez dez minutos de desvario. A reflexão voltou, e quando, na noite d'esse mesmo dia, a multidão foi á minha porta saudar quem pelo advento do novo regime trabalhara como eu trabalhei, comecei o meo discurso de agradecimento, por estas simples palavras: «Agora, é que são ellas!» Dois dias depois, constatava eu que realmente agora é que ellas eram...

A Republica aparecia feita pelos elementos inferiores da sociedade portugueza dirigidos efectivamente por duas ou trez duzias de creaturas sem criterio politico, sem conhecimento algum dos problemas da administração publica, sem educação philosophica ou cultura sociologica positiva, sem o rudimentar conhecimento da historia social portugueza. O snr. Theophilo Braga que foi sempre dado por mentor do republicanismo portuguez, nunca foi lido pelos republicanos portuguezes. Estes mal conheciam o seo Programma theorico. Rodrigues de Freitas nunca foi lido. Sampaio (Bruno) foi sempre ignorado. Junqueiro foi conhecido pelas paginas inferiores da *Velhice do Padre Eterno*. As massas republicanas jámais leram a epopeia tragica da *Patria*, nem os seos olhos poderiam encantar-se deante das ternu-

ras mysticas dos *Simples*. E a élite republicana estudara o povo portuguez atravez as pasquinadas hediondas do *Mundo*, em vez de procurar contacto com elle por intermedio da *Historia da Administração Publica* do snr. Gama Barros, ou das monographias da *Portvgalia*. É curioso assignalar este facto que não tem contestação: os grandes homens da Republica, seos dirigentes efectivos, não deixam á Posteridade uma obra de sciencia, em qualquer dos seos multiplos ramos. A sua bagagem, constituem-na os seos discursos vãos, discursos de momento, apostrophes ou canticos, alguns d'elles quero crêr que prodigiosas peças de rethorica — todos elles, no entretanto, nada valendo como estudo, como analyse, como sciencia, como ponderação. A Republica é uma obra de discursadores: discursadores, fallando, escrevendo ou agindo. Tudo insubsistente, vão, transitorio: fluctuante — como um discurso.

Eu entendo que só deve falar quem tem que dizer, mas os republicanos entendem que todos devem falar. Era vulgar encontrar-se nos Congressos, nas sessoens solemnes, cidadão que pedia a palavra só para dizer que estava de acordo com o orador antecedente. E para demonstrar que estava de acordo, vá de reproduzir o que o orador antecedente tinha dito! O snr. Alexandre Braga é capaz de estar um dia inteiro a falar — sem dizer nada. Porisso é um dos maiores homens da Republica. Conheci rapazes do meu tempo com essa faculdade singular: eram, no meo tempo, homens de genio desabrochando. Hoje, são imbecis comendo á meza do Orçamento. O morto Ramalho Ortigão observou, ha trinta annos, que o portuguez tinha o horror da agoa fria, e se não lavava. Hoje, constata-se que o portuguez tem o horror do livro, e não estuda. Estudar, para o portuguez d'hoje, é tão apavorante e doloroso, como o lavar-se para o portuguez de hontem. E se para o que não se lava, ha o recurso do frasquinho de agoa de Colonia, para o que não estuda, ha o recurso do discurso politico.

Quando mais ignorante, mais orador. É com discurso, que o nosso politico esconde a vacuidade das suas ideas.

São as palavras que nos movem. E atribuimos-lhes tanto poder, tanto prestigio, tanta força, como se ellas na verdade fossem mais alguma coisa, do que simples palavras. Estes cinco annos de Republica entram a Historia carregados de discursos e de decretos que são discursos escriptos. Feita por elementos inferiores dirigidos por discursadores de comicio, a Republica havia, fatalmente. de enveredar por onde enveredou — pelo caminho da asneira, umas vezes. pelo caminho da maldade, outras vezes. Mas eu, meo caro amigo, assistindo, logo de começo, ao exibir da falencia republicana, tinha esperanças na organisação dos elementos conservadores, e fiz convergir todas as minhas energias para o advento da solução conservadora, e ninguem me poderá acusar de comodista, interesseiro, calculista ou indolente — porque nada d'isso fui, tão liberrimamente me gastei no proseguimento dos meus propositos. Dia a dia que a minha fé republicana se ia enfraquecendo. Hora a hora, eu me ia convencendo do erro profundo de 5 de outubro. Eu via o meo paiz entre as garras dos barbaros ou a reboque dos medíocres. Tudo quanto havia de sagrado n'esta terra e conseguira escapar á furia demolidora dos reflexos do Revolucionismo francez, desde a Egreja á Familia, tudo isso eu via espatifado pela truculencia dos novos barbaros, que na sua demencia nada pouparam e nada respeitaram. Eu via a economia nacional ser duramente experimentada por tributos arbitrarios. Eu via o funcionalismo público ser vexado e oprimido. Eu via o Exercito ser revolucionado e subvertido. Eu via a Infancia ser pervertida e desorientada. Eu via a liberdade de consciencia ser vilipendiada. Eu via o crime impune. Eu via morto o principio da auctoridade. Eu via a Desordem no logar da Disciplina. Eu via o arbitrio no logar da lei. E via que as probabilidade de vencer tudo isso iam desaparecendo. E via que externamente

a nossa situação era deploravel. Mas uma esperança ainda fluctuava no meo espirito. A solução conservadora não se experimentara. E eu, por muito que duvidasse da sua estabilidade, precisava de ver a sua realisação, para que a minha inteligencia corroborasse ou corrigisse os meus presentimentos instinctivos.

O governo Pimenta de Castro, a cuja acção, hei-de, opportunamente, consagrar algumas paginas, foi a realisação da solução conservadora.

Tal solução falio.

Em meados de abril deste anno, em carta dirigida ao *Dia*, eu escrevi: «Cae amanhã o governo Pimenta de Castro, sacudido pela violencia jacobina e abandonado das forças políticas republicanas que hoje o apoiam, — isto é, vejo que a sua orientação não tem raizes nas forças republicanas, e é impotente para dar á Republica, a feição definitiva e firme que ella exige para se manter e consolidar? Então tenha v. ex.ª a bondade de me bater á porta, e de me perguntar o que penso.»

Como eu previ o que se deo! O Governo Pimenta de Castro cahio, — sacudido pela violencia jacobina, e abandonado das forças politicas republicanas que então o apoiavam.

Tendo falido a solução conservadora Pimenta de Castro, o que resta?

*

Restam os chamados tres partidos da Republica: o partido do sr. Antonio José d'Almeida, o partido do sr. Brito Camacho e o partido do sr. Afonso Costa. E' qualquer d'elles, capaz de salvar a crise nacional, isto é, de dar á Nação, a hora de tranquilidade e trabalho util que ella exige?

Se nas intençoens residisse o poder, era facil afirma-se que qualquer dos tres partidos atingiria o fim que formulamos — pois queremos, neste momento, supôr que

todos elles são bem intencionados nos processos que adotam e nos princípios que defendem.

Mas como as intençoens são muito pouco, como elemento de victoria, punhamos de parte as intençoens e fiquemo-nos na analyse das condiçoens em que cada um desses partidos vive, e dos meios de que cada um dispõe. Muito trabalhamos para que o Partido Evolucionista se constituisse, o que quer dizer que somos anterior a elle, ou, por outras palavras, que não se diz bem quando se afirma que para elle entramos, e se supõe mal que lhe sacrificamos algum dos nossos pensamentos ou algum dos nossos pontos de vista.

Verdadeiramente, não ha Partido Evolucionista, como não ha Partido Unionista, como não ha Partido Democratico. O que ha, sob o falso rotulo de Partidos, é amigos do sr. Antonio José d'Almeida, amigos do sr. Brito Camacho e amigos do sr. Afonso Costa. Nenhum desses agrupamentos tem principios, ideas, ou planos de natureza colectiva, isto é, superiores e independentes ás individualidades que os formam. Os seos principios, as suas ideas e os seos planos são os principios, as ideas, os planos dos snrs. Antonio José d'Almeida, Brito Camacho e Afonso Costa. Por uma destas ficçoens, destas artificiaes ficçoens em que são ferteis os portuguezes, qualquer desses agrupamentos exibe um directorio, e nega a existencia de um chefe. Fui sempre contrario a ficçoens desnecessarias. E esta é uma d'ellas. Porisso, no 1.º Congresso evolucionista, eu esforcei-me para que nos deixassemos de mentiras e aclamassemos ostensivamente e claramente chefe do Partido quem de facto já o era, e de facto o continuaria sendo, quem, na verdade, era a razão de ser unica do Partido. Venceo a tolice, como sempre, elegeo-se uma junta central, mas fui eu quem teve razão, pois a junta central foi sempre uma entidade theorica, abstracta.

Quando me aproximei do snr. Antonio José d'Almeida, em agosto de 1911, eu levava um artigo que li; e finda a

sua leitura, perguntei ao então ministro do Interior, se concordava com a minha doutrina: Se concordasse, eu seria o colaborador politico da *Republica;* se não concordasse, paciencia. S. ex.ª concordou, e eu passei a colaborar no seo jornal. As nossas relaçoens foram sempre amigas. Encontrei no chefe evolucionista, sempre, lealdade, afeição, confiança. Nunca duvidei da primeira, nunca desmereci da segunda, nunca abusei da ultima. Á sua atitude correspondi, com o maior desinteresse, com a maior sinceridade e com o mais firme desejo de que em volta do seo nome se organisasse o partido conservador da Republica, ficando-lhe esta a dever a sua consolidação, o seo prestigio e a sua força. Senti á minha volta muito despeito e muita inveja. Lampejou, muita vez, a lamina da naifa, e passou-me pela cabeça, muita vez, a pedrada cobarde. Manda a justiça que eu confesse que sempre tive ao meo lado o snr. Antonio José d'Almeida. E tambem, nunca me preocupei com o que se passava em redor de mim. Eu entendia-me com o snr. Antonio José d'Almeida, na sua ausencia, com o snr. Fernandes Costa — e disse! Com esses entendi-me sempre, e nunca quiz entender-me com mais ninguem. Durante perto de quatro annos, eu fui colaborador da *Republica,* sendo seo colaborador politico efectivo, precisamente durante trez annos: em agosto de 1914, quando começou a guerra, eu passei a limitar a minha colaboração a estudos, a considerandos extra-politicos. Em março de 1915, apoz uma conferencia que realisei na Liga Naval Portugueza sobre a significação philosophica da guerra, suspendi definitivamente essa colaboração, e, semanas passadas, abandonei o Partido Evolucionista.

Eu quiz que o Partido Evolucionista fosse um Partido Conservador. A outra coisa não tenderam, todos os meos artigos, todas as minhas conferencias, todas as minhas conversas — desde aquella tarde de agosto de 1911, em que pela primeira vez me encontrei com o snr. Antonio José d'Almeida, então ministro do Interior, até ess'outro

agosto de 1914, em que dei o meo ultimo artigo politico para a *Republica*, jornal do snr. Antonio José d'Almeida, agora chefe do Partido Evolucionista. Ao entrar em sua casa, em agosto de 1911, eu não deixei á porta as minhas doutrinas e as minhas intençoens. Ao abandonar o partido em 1915, as minhas doutrinas eram as mesmas, as minhas intençoens eram as mesmas. Mais intensas e definidas as primeiras, mais insistentes, as segundas. Mas as mesmas, precisamente as mesmas. As doutrinas que levei trouxe-as comigo — porque eram minhas. As intençoens que me acompanharam comigo vieram, palidas, é certo, mas não deshonradas.

Eu vi que o snr. Antonio José d'Almeida amava a Republica e queria fazer bem á Republica. Mas vi que não podia, sosinho, realisar o seo intento, pela natureza especial do seo espirito, pelas tendencias adquiridas da sua educação mental, pelo meio politico em que se criara, pela atmosphera politica em que se notabilisara, e pelas creaturas que o rodeavam. Tive então a pretensão (innocente e honesta!) de concorrer para que esse intento se realisasse, influindo, pelo exibição lenta, mas permanente, das conclusoens, e dos principios da sciencia politica moderna, do Positivismo politico actualisado, nos juizos e no espirito do snr. Antonio José d'Almeida, tanto quanto fosse possivel. Cincoenta por cento dos meos artigos, pode crel-o, meo caro amigo, tinham na minha intenção, um unico leitor: o snr. Antonio José d'Almeida. Supunha elle, muitas vezes, quando me recusava qualquer artigo, por excessivamente conservador, que eu me amofinava. Puro engano. O que eu queria era que elle o lêsse.

Que razoens me levavam a proceder assim?

O snr. Antonio José d'Almeida sahira muito moço de Coimbra e fôra para S. Thomé fazer clinica, estragar a saude, e juntar alguns vintens, esses vintens que depois veio, inutilmente, gastar na propaganda republicana. Annos longos se demorou em S. Thomé. E uma vez regressado

a Lisboa, cahio na agitação revolucionaria, — o comicio, o pamphleto, a conspiração. O snr. Antonio José d'Almeida é essencialmente um orador: facilmente se deixando cahir no cortejamento do aplauso, e facilmente se convencendo de que o aplauso da multidão é tudo. Muito inteligente, mas prejudicado pelas faculdades de orador, o seo espirito determina-se por impressoens momentaneas e motivos sentimentais. Tudo isto deo em resultado uma apressada e superficial cultura philosophica. Sahio de Coimbra com as phantasias metaphisicas dos revolucionarios do seculo XVIII, com as liçoens poeticas posteriores de Lamartine e Louis Blanc, Michelet e Quinet, não tendo meditado nem a philosophia de Comte, nem as liçoens de Taine, os ensinamentos de Tocqueville, de Coulanges, de Treitschke. O seu livro *Desafronta*, sobre cujas paginas, nos meos tempos de moço, chorei lagrimas ardentes, photographa o seo espirito. Não era em S. Thomé que refazia a sua cultura. Não podia refazel-a em Lisboa, dedicando-se como se dedicou á propaganda revolucionaria. Nado e educado para caudilho, para agitador revolucionario, não podia votar-se aos sacrificios que exigem as serenas funçoens de homem de Estado conservador. Era preciso que houvesse alguem que lhe mostrasse e lhe dissesse que a sciencia politica sofrera n'estes ultimos cincoenta annos, uma transformação profunda e que ao absolutismo idealista em que o seo espirito se creara, succedera um relativismo realista sahido da experiencia social e da revisão integral das sciencias a que a ultima metade do seculo XIX se dedicou. A' falta de melhor, entendi que esse alguem podia ser eu.

Porque falli?

Em parte, por inhabilidade propria. Em parte, por um conjuncto de circumstancias que é inutil descrever, d'entre as quais se destaca a de eu chegar tarde. Eu chegava tarde, era, aparentemente, muito novo, e a doutrina que eu exibia não era de molde a captar os grandes aplau-

sos, e obrigava a longas, dolorosas rectificaçoens. Um espirito que constantemente estuda, constantemente se modifica, dando, muita vez, aos parvos, a illusão de que se contradiz. Um espirito que abandona o estudo, ankilosa-se. A confiança e a intimidade das relaçoens politicas que houve entre mim e o snr. Antonio José d'Almeida só posso explical-as pela instinctiva percepção que sua ex.ª tinha de que eu estava na verdade. E a falencia da minha acção, só posso explical-a, a par das circumstancias já indicadas, pelo facto do snr. Antonio José d'Almeida não ter forças para libertar o seo espirito das impressoens antigas. *Sentia* que eu lhe indicava o caminho seguro — e por isso me honrava com a sua confiança. Mas não podia acompanhar-me, não tinha coragem de me acompanhar, — e por isso eu tive de recolher à minha casa, desiludido.

Eu quiz fazer do snr. Antonio José d'Almeida um homem de Estado, quando os outros teimavam em fazer d'elle um tribuno. Eu quiz fazer de sua ex.ª um politico positivo, quando os outros teimavam em que elle fosse um agitador. Os meos artigos estão ahi, as minhas conferencias estão publicadas — para se ver que falo inteiramente a verdade.

Mas o snr. Antonio José d'Almeida é um temperamento essencialmente revolucionario. O seo espirito não está bem dentro das quatro paredes de um gabinete de trabalho, compulsando numeros e analysando factos, meditando theorias e descarnando problemas. O seo lugar predilecto não é o laboratorio, não é o gabinete: o seo lugar querido é o ar livre, uma longa e agitada multidão ouvindo-o, presa da sua palavra fluente e quente, sugestionada pelo seo gesto enthusiasmado e audaz. A sua voz apaga-se, a sua linguagem hesita na demonstração fria de um theorema. Para que a sua voz seja timbrada e perfeita, e a sua linguagem corrente e facil, é preciso que cante ou impreque, que adore ou fulmine.

Se o querem vêr livre e revelando-se inteiramente,

não lhe peçam que *exponha:* peçam-lhe que *defenda*, mas peçam-lhe mais que *ataque*.

Á volta d'este homem. meo caro amigo, juntaram-se as creaturas mais contrarias: conservadores ferrenhos, moderados, radicais, quasi—anarchistas. É uma mescla. Chamava eu ao partido evolucionista, em momentos de bom-humor, um galheteiro: azeite, vinagre, mostarda, pimenta, sal... Havia e ha de tudo. Com esta diversidade doutrinaria congregada á volta de um espirito essencialmente revolucionario—o Partido Evolucionista não podia deixar de ser o que é: uma força inutilisando-se progressivamente. Muitas vezes, imensas vezes, eu disse ao snr. Antonio José d'Almeida: «os principios democraticos são uma ficção: as democracias são tendenciosamente oligarchias: a realidade é a ordem. Seja chefe, faça-se obedecer. Mande. Imponha-se. Tenha o pulso firme». Mas senti sempre que ao snr. Antonio José d'Almeida repugnava esse papel de dictador, porque o seo revolucionarismo é sincero, e os principios de liberalismo democratico estão-lhe nos nervos, estão-lhe no sangue, estão-lhe na alma. D'ahi, essas expressoens violentas, essas apostrophes audazes que lhe sahem da bocca, quando sente deante de si o inimigo dos seos principios—expressoens e apostrophes que não correspondem a um sentimento reflectido, que não são determinantes conscientes dos seos actos, mas que estão na logica do seo feitio.

O seo tantas vezes citado discurso de Chaves, o seo discurso do banquete evolucionista no Colyseo, ess'outro discurso proferido na Camara visando o Kaiser, sublinhado, no dia seguinte, por um artigo na *Republica*, e finalmente a celebre phrase dita no Polytheama sobre Demagogia e Monarchia — tudo isso que o tem isolado das forças conservadoras nacionais e o tem incompatibilisado com essas mesmas forças, não é um desvio do seu espírito, é antes a manifestação logica do seo temperamento. Todos os homens inteligentes se modificam e se dominam.

E o snr. Antonio José d'Almeida é um homem indiscutivelmente intelligente. Mas precisava de ter á sua volta, permanentemente, quem fosse culto, sereno e franco. Vivendo num meio de menos lisonjas e mais verdades, mais cultura e menos ignorancia, mais serenidade e menos impulsividade, mais competencia e menos vaidade, o snr. Antonio José d'Almeida tinha neutralisado o revolucionarismo da sua educação mental, e teria sido uma força aproveitavel na obra de reconstrução politica da nacionalidade. Assim, dispendeo, inutilmente, energias, fortuna, saude, illuzoens e... amizades. E o seu Partido gastou-se numa esteril agitação oposicionista que por falta de afirmaçoens concretas não conseguiu crear a corrente de opinião válida que leva ao Poder, e garante o advento do Poder. E tão desastrado tem sido o Partido Evolucionista que chegou ao cumulo da irreflexão quando, estandò a apoiar o governo Pimenta de Castro, lhe preparava a atmosphera propícia á sua ruina — e de tal maneira, que está hoje mais do que averiguado que na sedição de 14 de maio, entraram, se não em Lisboa, na provincia, elementos evolucionistas. O Partido que o snr. Antonio José d'Almeida ainda hoje chefia é inutil, porque lhe faltam competencias governativas. Os partidos organicos, constitucionais, não se formam com agitadores turbulentos: formam-se á custa de capacidades administrativas.

Eliminado o partido evolucionista, surge-nos o partido do snr. Brito Camacho. O partido unionista tambem não é um partido homogeneo. Contem demagogos authenticos e temperamentos conservadores. Apesar d'isso, era talvez o que estava em melhores condiçoens de captar as simpathias das classes conservadoras — dada a atitude que, durante a monarchia, sempre mantivera o snr. Brito Camacho. Todavia, a sua falencia governativa, e a sua inutilidade para organisar o partido conservador, são talvez mais estrondosas do que as que revelou o partido evolucionista. O apoio que o partido Unionista deo ao governo Affonso Costa, a atitude que assumio perante as extorsoens escan-

dalosas da contribuição predial; o seu procedimento para com o governo Pimenta de Castro, o desastre que foi a acção ministerial, por incompetencia e inhabilidade, do governo Augusto de Vasconcellos — tudo isso afastou o Partido unionista da cathegoria das coisas úteis. Dos homens do Governo Provisorio da Republica, ha a destacar dois nomes, pela obra que subscrevem: o snr. Antonio José d'Almeida — pelas reformas da instrucção, o snr. Brito Camacho — pelas reformas do ensino technico. O resto ou é mediocre ou é mistificação ou é maldade. Pois é pena que os partidos d'esses dois homens sejam inhabeis para a missão constructiva que a alguem competia fazer, para justificar a revolução de 5 de outubro. E eu digo isto com infinita magoa, primeiro, porque fui republicano como os que melhor o foram; depois, pela amizade sincera e desinteressada que tive ao snr. Antonio José de Almeida; a seguir, pela consideração intelectual que sempre me mereceo o snr. Brito Camacho — quaisquer que fossem as nossas divergencias e os nossos momentos de mao humor. A prova de que não sou eu só a pensar assim, está em que tanto n'um como n'outro partido se debateo durante muito tempo e apaixonadamente, o problema da sua fusão n'um partido unico, na esperança de que as duas forças unificadas resultariam uma utilidade real dentro da Política portugueza. Manifestei-me sempre contra tal operação que considerei sempre artificiosa e insubsistente. Aconselhei uma acção commum, um entendimento intimo, mas nem isso sendo possivel conseguir-se, como se atingiria a fusão? Esses dois partidos são, pois, hoje, duas forças ficticias. E encontramo-nos agora deante do terceiro partido: o partido democratico, da chefia do snr. Afonso Costa.

*

O partido democratico é uma sociedade de exploração politica, economica e financeira, cuja firma nos aparece

assim formulada: Afonso Costa & França Borges. O primeiro, na acção, o segundo, no jornal, têem feito d'este paiz caverna de bandidos — estimulando o crime, protegendo o impudor, fomentando a mistificação, categorisando a mediocridade, semeando a ruina, as lagrimas, a miséria, o desasocego, a morte. Essas duas figuras sinistras de carrascos e aventureiros, exemplares raros de uma fauna que se supunha privativa da barbaria e só possivel, hoje, nos povos *arrierés*, essas duas figuras, abusando da delicadeza sentimental da nossa civilisação, do pudor das almas de eleição, de tudo quanto possuimos de melindroso e débil, teem-se farto de dançar sobre o paiz o selvático batuque do seo plebeismo hediondo, o hediondo batuque do seu arribismo plebeu. O primeiro, atrevido, sem escrupulos, autentico *condottiére* político, caricatura de Machiavel de escada, tremulo e manso deante do mais forte, feroz e impetuoso deante do mais fraco; o segundo, macabro e repelente, escrevendo o que não entende, mandando escrever o que não sabe, inspirado pelo mais baixo e repugnante dos odios, sem competencia para continuo de reporters mas arvorado em jornalista — os dois, irmãos siamezes, gerados na mesma fôrma, destinados ao mesmo tumulo, são a personificação de quanto pode sobre a alma de um paiz enfraquecido, o atrevimento de dois carrascos. Estes, as almas negras do partido. O resto é zero, em que entra, aqui, medo, alli, ambição, mais além, ignorancia, acolá, ingenuidade, e, quasi geralmente, perversidade e maldade. Este partido tem um principio basico: quem obedecer á firma é tudo, quem lhe desobedecer é nada. E tem um programma: fazer triumphar a firma e os que lhe obedecem. O cidadão A não obedece, hoje, á firma? E' um pulha, um imbecil, um traidor á Patria. Este mesmo cidadão A amanhã obedece á firma? E' um santo, um genio, um bom patriota. E conforme obedece ou desobedece — assim é santo ou pulha, genio ou imbecil, traidor ou patriota. A firma falla pelo *Mundo*. Percorrer a colecção do *Mundo*, é consta-

tar que na minha syntese não ha o mais pequeno exagero. A firma ainda perdôa que a gente se abstenha. O que ella não perdôa é que a gente lhe desobedeça. O partido democratico é anterior á Republica, isto é, anterior a 5 de outubro. N'essa data, já a firma existia. Simplesmente, não tinha caracter autonomo, nem foros de partido governamental. Quando se proclamou a Republica, a firma renovou a sua organisação, e dando dois berros que atordoaram Portugal inteiro, saltou para o poder, dominou a Republica, e de tal modo procedeo, que hoje só ella é gente, só ella tem vontade, só ella manda, só ella é dona dos nossos destinos. O Estado é ella. E' uma casta, uma dynastia — dentro da Nação. E' um tumor que está envenenando a Nação inteira, que está cortando fibra a fibra as energias nacionais. E' a morte. A Republica portugueza, vivendo aqui no flanco da Europa, n'esta altura de civilisação, apresenta-se perante a Historia, com as mãos tintas de sangue. No horisonte da sua existencia, não se projectam sombras luminosas de herois ou sombras brancas de santos: no seo horisonte, projectam-se, doridas e funebres, sombras de cruzes tumulares. Não falemos dos lares em miseria, dos exilados, dos perseguidos, dos vexados, dos ultrajados. Não falemos dos que morreram nas ruas, em refrega leal, em 5 de outubro ou em 14 de maio, em Chaves ou em Mafra. Não. Vejamos apenas os que a Republica ceifou, ou assassinando-os cobardemente ou armando-lhes as mãos debeis. E' um longo cemiterio...

D. Carlos de Bragança e seo filho D. Luiz Philipe, assassinados a tiro, no Terreiro do Paço.

Os seus executores, braços que uma propaganda criminosa adextrou e que uma atmosphera de mentiras armou, são mortos junto das suas victimas.

Trindade Coelho, alma ingenua de poeta ingenuo, suicida-se.

Candido dos Reis, julgando-se perdido, suicida-se.

O coronel da infantaria 16, Celestino da Costa, assassinado na parada do seu quartel.

O tenente Frederico Chagas suicida-se.

O commandante do cruzador D. Carlos é assassinado.

O tenente Soares, assassinado em plena rua da baixa, em Lisboa, á luz clara do sol.

João de Freitas, já preso, é assassinado.

Henrique Cardoso, assassinado.

O commandante Assiz Camillo, assassinado.

O commandante Nunes da Silva, assassinado.

O chefe Barbosa, assassinado na rua Garrett, á luz do dia.

Ramiro Pinto, assassinado á porta do Gymnasio.

Um sargento, cujo nome me não ocorre, assassinado na Rua Victor Cordon.

O tenente Bahr Ferreira assassinado.

Poucos dias depois, no quartel de engenharia, dois sargentos, assassinados...

Pode ser que esta lista esteja errada, meo amigo. Mas se está, é por deficencia. Ficam-lhe ahi vinte cadaveres, em sete annos! Vinte victimas do odio demagogico, da loucura demagogica, da maldade demagogica. Porque se outra tivesse sido a propaganda republicana, se outra direcção ella tivesse tomado — nem os proprios infelizes que se suicidaram encontrariam atmosphera propícia para o seo desvairamento. E d'esses vinte cadaveres, dezasseis são de responsabilidade indiscutivel do partido democratico, são obra sua, são filhos da sua doutrina, da sua propaganda, productos do seu incitamento, resultados das suas insinuaçoens... E se mais não ha, não é porque lhe falte a vontade. Os snrs. Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, Machado Santos, dentre os republicanos, e, dentre os monarchicos, as suas figuras destacantes, têm sido, por mais de uma vez, apontados directamente e claramente á vindicta popular, á linchagem popular, áquillo a que

a firma Afonso Costa & França Borges chama — a justiça popular.

Tudo quanto, n'estes cinco annos de regime republicano, dá aspectos de anarchia e tresloucamento á vida portugueza, se origina na propaganda democratica e na sua acção. Arruaças e tumultos, enxovalhos e desordens, ameaças e assaltos — tudo isso constitue a bagagem politica desse partido. Na rua e no governo, na oposição ou á frente dos negocios do Estado, este partido é a truculencia ou a mistificação. Onde houver uma afronta ou uma tirania, onde encontrarmos uma habilidade de curandeiro ou uma violencia de salteador — lá encontraremos, infalivelmente, o signal democratico. A Igreja foi assaltada, as crenças religiosas espesinhadas, a liberdade de consciencia afrontada, com a chamada lei da separação. O Partido responsavel é o Partido democratico. A economia particular, a Agricultura e a Propriedade, a Riqueza dos cidadãos, em summa, foi calcada pela lei da contribuição predial de fevereiro de 1913. Responsavel? O partido democratico. O funcionalismo publico foi vexado pelo Regulamento disciplinar dos funcionarios. Responsavel? O partido democratico. O exercito foi falseado na sua missão, enfraquecido na sua organisação, na sua disciplina, no seo prestigio, pela reforma do Exercito do governo provisorio. Responsavel? O partido democratico. As finanças publicas foram desauctorisadas por um *superavit* ficticio, pela organisação de orçamentos illusórios. Responsavel? O partido democratico. A familia foi abalada nos seos alicerces fundamentais, debilitada na sua estabilidade, com a lei do Divorcio. Responsavel? O partido democratico. Os dois actos eleitorais feitos sobre o regime constitucional da Republica, resultaram uma burla irremediavel e perigosa. Responsavel? O partido democratico. O recrutamento do professorado primario, secundario, superior e technico transformou-se em chantage ignobil, por via do artigo 5.º da actual lei orçamental do ministerio de Instrucção publica. Responsavel? O

partido democratico. As repartiçoens do Estado desfazem-se sob anarchia e sobresaltos, por causa da lei da separação dos funcionarios. Responsavel? O partido democratico. A nossa situação internacional é uma vergonha, é uma miseria, porque prometemos o que não podiamos dar, oferecemos o que não pediam, manifestamo-nos, quando deviamos estar calados, intrujamos e zaragateamos. Responsavel? O partido democratico. O 14 de maio veio abrir amplamente as portas á anarchia e á ruina. Responsavel? O partido democratico. A nossa provincia de Angola (1) ia-se passando para as mãos dos allemaens, por causa da lei da porta aberta. Responsavel? O partido democratico. O operariado está impaciente e desiludido perante a realidade das coisas, lembrando e evocando promessas antigas, facilidades prometidas. Responsavel? O partido democratico. A Nação odeia a Republica. As classes conservadoras odeiam a Republica. A geração nova, a mocidade das escolas detesta a Republica. Velhos republicanos voltaram as costas á Republica. Responsavel? O partido democratico. Elle e só elle! A *réussite* do governo Pimenta de Castro era a consolidação definitiva da Republica e o afastamento definitivo da hypotese monarchica. Porisso o apoiei desde o primeiro minuto — e se mais não fiz foi porque mais não pude. Quem dirigio o ataque contra esse governo? Quem o combateo infamemente, na imprensa e na

---

(1) Ao leitor, aconselho a leitura do livro do snr. Pierre Alype, com prefacio do actual ministro da Instrução Publica francez, snr. Alberto Savrault, para vêr o que esse escriptor, inimigo da Allemanha, diz a proposito da acção do snr. Afonso Costa. Narrando as tentativas de germanisação da nossa provincia de Angola, o snr. Pierre Alype conclue: « A Allemanha preparou-se, imediatamente, para tirar proveito da liberdade que o governo portuguez tinha a imprudencia de lhe dar.

O facto essencial foi o decreto de 17 de novembro de 1913 emanado do ministerio das Colonias portuguez que baixava de 3 a 0.5 °/₀ as taxas de transito sobre os productos industriais e extrangeiros em Angola ». (*La Provocation allemande aux colonies*, Paris, 1915, pag. 129).

tribuna, primeiro, nas ruas, depois? O partido democratico. Ao partido democratico, pois, cabe a responsabilidade da morte da Republica, por inadaptação ás condiçoens gerais da Nação. Só temos pena de que não possamos dizer que lhe cabe exclusivamente a responsabilidade d'essa morte...

*

Aqui tem, meu caro amigo, a situação nacional dos tres partidos republicanos. Deante d'ella, eu creio que não pode haver duas opinioens sobre os destinos deste paiz. Vincára eu a passagem de Jules Lemaître que deo pretexto a esta carta, quando senti á volta do gabinete Pimenta de Castro a furia dementada dos democraticos e o lasso, frio, desconfiado auxílio dos outros partidos. Cada um d'elles queria que o sr. Pimenta de Castro lhe desse o poder. E só por esse preço o auxiliavam, e só por esse preço lhe afirmavam o seo apoio. Muitas vezes ouvia eu dizer a figuras categorisadas d'esses dois agrupamentos políticos que o unico caminho era entregar-lhes o poder. Por occasião da lei eleitoral decretada pelo gabinete Pimenta de Castro — todos vociferaram, porque a lei não protegia nenhum. Sou homem pouco dado a discussoens, porque detesto as regateirices, e em Portugal não se discute: regateia-se, insulta-se. Mas algumas discussoens tive a proposito da situação de então, em que eu via claramente um governo honesto e bem intencionado, mais victima das amizades que dos adversarios. Foi a contemplação desse espectaculo que me dava a precisão nítida do que sucedia, que me levou a vincar essa passagem de Jules Lemaître. Eu sentia o gabinete Pimenta de Castro exageradamente preocupado com a opinião republicana. Eu vi o desaforo das campanhas da imprensa, o desbocamento de linguagem de altos funcionarios, a atitude ilegal das corporaçoens administrativas. E tudo, em plena liberdade...

Na noite em que sahio o decreto a dissolver as camaras municipais. eu estava no Hotel Aliance com o ministro da Justiça, sr. dr. Guilherme Moreira, ilustre professor da Universidade de Coimbra. Li o decreto e pousei o jornal. O ministro perguntou-me: «então?»

E eu respondi: «este decreto já devia ter sahido ha mais de um mez. Os senhores estão a deixar que a labareda seja muito alta, e depois não terão forças para dominar o incendio...» O professor Guilherme Moreira sorrio, e respondeu-me que a minha mocidade e a minha inexperiencia explicavam a minha precipitação. Eu só retorqui: «em política, mais vale prevenir que remediar...» Se a minha mocidade e a minha inexperiencia tinham razão ou não — os factos o disseram. Muitas vezes o ministro da justiça desse governo me afirmou que era preciso respeitar o *espirito republicano*, não ofender o *espirito republicano*... Foi essa preocupação constante do gabinete Pimenta de Castro que o matou. Nenhum governo, desde que me conheço, excepção, talvez, do gabinete João Franco, nenhum governo entrou no Terreiro do Paço com a força moral, o prestígio, a confiança, que levava o gabinete Pimenta de Castro. Quando eu vi a mentira que o enleiava servir admiravelmente as ambiçoens criminosas da demagogia — vinquei essa passagem de Jules Lemaître, porque n'essa occasião o meo espírito definitivamente se convencia de que sabia muito bem aquillo em que não acreditava, mas não se fixara ainda sobre aquillo em que devia acreditar.

Depois, veio o 14 de maio, e quando eu vi a bordo presos, o velho e honrado general Pimenta de Castro, o fundador da Republica, Machado Santos, o almirante Xavier de Brito, a cuja nobreza de caracter se não pode negar homenagem, e o coronel Goulard de Medeiros, velho republicano — pagando, na prisão, o nefando crime de terem pretendido libertar este paiz das garras barbaras do bando demagogico, n'essa hora, eu cortei as minhas relaçoens com o regime republicano e disse de mim para mim: resi-

no-me e abdico. Mas passaram os dias. Eu podia esquecer, e de facto esqueci durante esses dias, a política e os destinos politicos do paiz. Conseguira eu seccar as lagrimas de revolta e de vergonha que a presença da esquadra hespanhola me provocára, dando-me a impressão de uma intervenção reflectida e clara — obra da demagogia, do partido democratico, mais um crime que lhe pesaria na consciencia se a Natureza tivesse dotado de consciencia, os monstros. Passavam os dias... Não podia separar-me dos meus livros, e tinha deante de mim, os meus filhos, com o seo futuro incerto, perguntando-me, hora a hora, na sua innocencia e na sua candura, o que havia, o que queria dizer isso que estavam vendo e o ruido de morte que tinham ouvido... E recordava o que fizera, os sacrificios, as luctas, as esperanças, os desalentos que semeei na minha vida por amor á Republica — de uma Republica civilisada, de gente limpa, correcta e portugueza. E tudo isto, meo caro amigo, o futuro incerto dos filhos, o amor á terra portugueza, a evocação de um Passado de honra, tudo isto influio no meu espirito para que á resignação e abdicação que me impuzera, succedesse, de novo, a lucta — para que, ao menos, amanhã, se não dissesse que tudo se calara e tudo se conformara. Simplesmente eu não podia ser o que fôra até ahi. Mentiria a mim proprio se o afirmasse. Repugnava-me alimentar a ficção ou concorrer para que outrem a alimentasse. Dicidi-me então a dizer em publico, e para que o publico me ouvisse, aquillo que penso.

A Republica fallio. Dizer o contrario é alimentar uma superstição inutil. Fallio pelos seus homens que ficaram muito aquem da gravidade do momento, das responsabilidades do governo, e fallio pelos seus partidos que são forças estereis, organismos ephemeros, grupos anarchicos. Fallio como instituição politica — por inadaptação ás condiçoens gerais, internas e externas do paiz. Fallio como esperança — porque se revelou mesquinha nos seus intuitos, perversa nos seus processos, envenenada nas suas inspiraçoens.

Fallio no campo da inteligencia -- porque se manifestou incompetente. Fallio no campo do sentimento — porque se manifestou imoral. Fallio no campo da acção -- porque se manifestou inhabil. Estamos, pois, meo caro amigo, deante de uma crise integral, cuja solução é inevitavel fora da Republica, porque esta a não pode dar.

Ha que encarar, portanto, o problema da solução nacional da crise portugueza.

Esse será o tema do meo proximo opusculo.

Opusculos publicados:

A Questão Politica.
A Eleição do Presidente.
Carta a um monarchico.

A publicar:

A solução monarchica. (NO PRÉLO) –
Carta ao Senhor Dom Manoel de
Bragança.
O governo Pimenta de Castro.
O Problema Religioso.
O Problema da Guerra.
Carta a um revolucionario civil.
A missão da geração nova.

**Preço de cada opusculo
cem reis**

Pedidos a França & Armenio, editores, Arco de Al-
medina, 2-4, Coimbra.